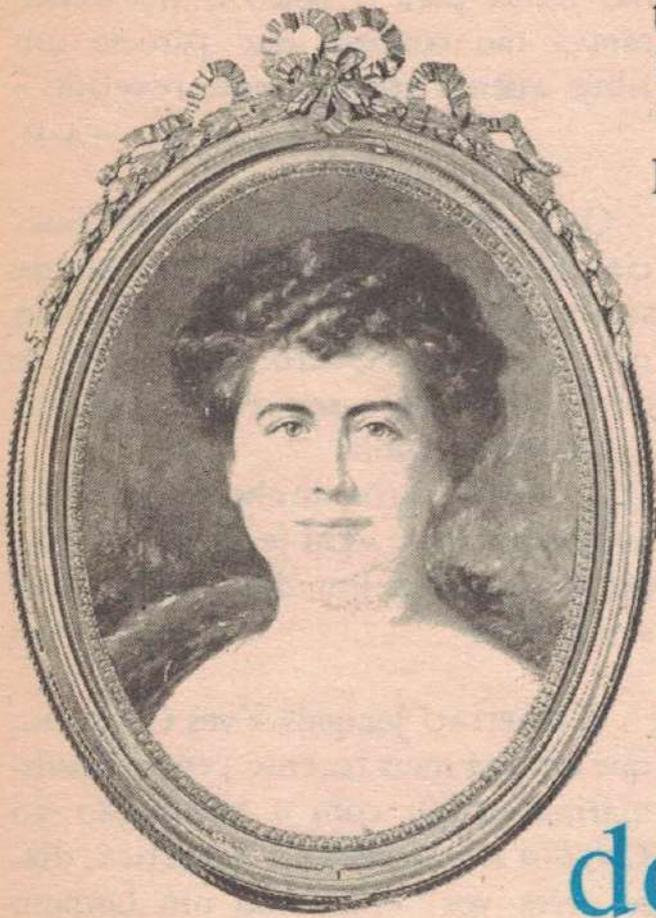


Durante seis semanas, após o presidente Woodrow Wilson ter sofrido uma trombose cerebral, sua esposa, Edith Bolling Wilson, dirigiu os destinos dos Estados Unidos, nos dias turbulentos que se sucederam à Primeira Guerra



A mulher do presidente

THOMAS FLEMING

As seis da manhã, do dia 2 de outubro de 1919, pela quinta ou sexta vez naquela noite, Edith Bolling Wilson acordou de seu sono irregular, foi na ponta dos pés ao quarto contíguo e contemplou a face enrugada do homem que ela amava, Woodrow Wilson. Suas preces pareciam ter sido atendidas. O presidente dormia na grande cama que, no passado, fora usada por outro presidente norte-americano, Abraham Lincoln, e seu sono parecia profundo e tranqüilo.

Já fazia quase uma semana que Wilson, com 62 anos, não tinha uma noite normal de sono. Sua agonia (que se tornaria a de toda a nação) começara no Colorado, depois de três semanas de uma campanha intensa por inúmeras cidades, para convencer os Estados Unidos a aderirem à Liga das Nações. Suas dores de cabeça eram tão fortes que ele foi obrigado a atender aos apelos de sua mulher, cancelando os restantes compromissos da campanha e retornando à Casa Branca. Lá, ele se deixava

RETRATO DA SRA. EDITH BOLLING WILSON, DA COLEÇÃO DA CASA BRANCA

vagar pelos corredores como um fantasma, incapaz de ler ou mesmo de se sentar.

Quando a Sra. Wilson voltou ao seu quarto, às oito horas daquela manhã, encontrou o presidente sentado na cama, tentando alcançar uma garrafa d'água. Ela notou que sua mão esquerda pendia, como se ele não pudesse dominá-la. «Está completamente dormente», ele disse, «pode esfregá-la? Mas primeiro me ajude a ir ao banheiro.» Ela o levou lá e foi chamar seu médico, o Contra-almirante Cary Grayson. Quando ela acabou de falar, ouviu um ruído surdo. Correndo de volta, encontrou o presidente no chão do banheiro, inconsciente.

Em poucos minutos, o Dr. Grayson estava examinando o homem que era tanto seu paciente quanto amigo íntimo. «Trombose cerebral», ele sussurrou solenemente à Sra. Wilson. «Todo o lado esquerdo está paralisado.»

Olhando para seu marido, prostrado, Edith Wilson recordou o homem cansado, mas decidido, que tinha discutido com ela e com o Dr. Grayson a 19 de agosto. Ele tinha acabado de sair de um debate de três horas com o Comitê de Relações Exteriores do Senado, no qual havia pregado, com paixão e brilhantismo (mas em vão), pela Liga das Nações. «É inútil», disse Wilson naquela noite em seu gabinete. «Terei que estar com o povo. A opinião dele deve prevalecer.»

Grayson tinha argumentado desesperadamente, dizendo-lhe que

uma campanha daquele tipo, visitando inúmeras cidades em tão pouco tempo, «poderia matá-lo».

O presidente contemplou, pela janela, por alguns momentos, o Monumento a Washington. Então, disse: «Sim, é possível. Sinto que este é o meu dever. Se o tratado não for ratificado pelo Senado, a guerra terá sido em vão. Prometi a nossos soldados, quando lhes pedi para pegarem em armas, que esta seria uma guerra para acabar com todas as guerras, e, se eu não fizer tudo que estiver ao meu alcance para efetivar o tratado, passarei por mentiroso. Devo ir.»

Como poderia uma mulher deixar de amar tal homem, até os limites de sua humanidade?

Dilema terrível. Durante dois dias, o presidente oscilou entre a vida e a morte. Foi examinado por especialistas, e um boletim considerando-o «um homem muito doente» apenas alimentou ainda mais os rumores que corriam em Washington. Segundo um destes rumores, o presidente teria contraído sífilis de uma prostituta francesa. Outro boato afirmava que ele estava louco, citando as barras numa janela da Casa Branca como prova de que ele estava encarcerado. (Na realidade, o Presidente Theodore Roosevelt tinha instalado aquelas grades havia 20 anos, para proteger o vidro quando seus filhos jogavam beisebol.) O fato de que o Dr. F. X. Dercum, especialista em doenças nervosas e mentais, tivesse sido convocado, era considerado prova de que o presidente não estava gozando de perfeita sanidade mental.

No fim do segundo dia, após um boato em Nova York de que o presidente estava morto, Edith Wilson disse aos médicos: «Preciso de saber quais serão as conseqüências da doença do presidente. Tenho de ser honesta com o povo.»

O Dr. Dercum respondeu pelos médicos. O cérebro do presidente estava normal como sempre. Havia todos os motivos para se pensar que sua recuperação era possível. O grande cientista Louis Pasteur havia se recuperado quase completamente de um ataque semelhante, mas o presidente *teria* de guardar absoluto repouso durante semanas, talvez meses. Se quaisquer «problemas graves» o importunassem, o resultado seria quase que certamente fatal.

Edith Wilson olhou para o Dr. Dercum como se ele estivesse louco. «Tudo que chega ao Executivo é um problema», disse ela. «Como posso protegê-lo?»

«Madame, sei que a situação é muito grave», respondeu, «mas tenho certeza de que a senhora saberá resolvê-lo. Faça com que tudo venha primeiro às suas mãos. Avalie a importância de cada assunto, e veja se será possível resolver os problemas consultando os chefes de cada departamento, sem que seu marido interfira. Tenha sempre em mente que, a cada vez que lhe levar um problema, estará revolvendo uma faca numa ferida aberta.»

«Então, não será melhor que ele renuncie», perguntou a Sra. Wilson, «e deixe que o Vice-presidente Marshall lhe suceda na presidência?»

Thomas Marshall, o vice-presidente, era uma nulidade. A idéia de que pudesse suceder a Woodrow Wilson, naquele momento crucial da história dos Estados Unidos, apavorava o Dr. Dercum. «O Sr. Wilson», disse, «empenhou sua vida na ratificação do tratado da Liga das Nações. Se ele renunciar, o maior incentivo para sua recuperação deixará de existir. Além disso», acrescentou o Dr. Dercum, «Woodrow Wilson ainda pode fazer mais com o corpo entredado do que qualquer pessoa.»

Vinho amargo. Edith Wilson não poderia atender aos interesses da nação se fosse mal informada. Desde que se casara com Woodrow Wilson, a 18 de dezembro de 1915, tinha partilhado com ele os problemas da presidência. Wilson era um homem solitário, que geria o posto máximo da nação quase sem assessores, preferindo, freqüentemente, datilografar ele mesmo suas mensagens e memorandos, discutindo suas idéias com as pessoas mais próximas — e ninguém mais próximo do que sua esposa. Era também um homem emocionalmente dependente. Quando sua primeira mulher faleceu, em agosto de 1914, ele esteve perto de um colapso físico e mental.

A partir do momento em que Wilson conheceu Edith Bolling Galt, viúva de 42 anos, esse estado de espírito desapareceu. Quando lhe propôs casamento, dois meses depois, ela se mostrou relutante. Ele retrucou: «Minha filha, neste lugar, o tempo não é contado por semanas, meses ou anos, mas por experiências humanas.»

Agora, diante de uma grave decisão, ela recordava o quanto Wilson tinha repartido com ela todos os seus pensamentos. Noite após noite, durante aqueles anos de guerra, ela estava a seu lado enquanto ele escrevia cartas confidenciais. Frequentemente, passava da meia-noite quando ele terminava. E, invariavelmente, ele levantava os olhos do papel e perguntava com um sorriso: «Você não faz idéia o quanto me facilita tê-la aqui ao meu lado. Está muito cansada para ouvir o que escrevi?»

Assediada. Pelas seis semanas seguintes, Edith Bolling Wilson dirigiu os Estados Unidos da América — enfrentando não apenas os ataques e críticas do Congresso, dos ministros e dos jornais, mas lidando ainda com o próprio presidente, já impaciente, e que, três dias após o ataque, mandara chamar a estenógrafa para ditar algumas cartas importantes. A Sra. Wilson conseguiu dissuadi-lo.

A princípio, sua «administração», como ela a chamava, foi uma operação de contenção. O presidente estava muito fraco para falar, quanto mais para tomar decisões. Muitos projetos se tornaram leis sem a sua assinatura. Há pouca dúvida de que ele estivesse incapacitado nos termos hoje estabelecidos pela Constituição norte-americana, mas, naquela época, não existia ainda nenhum procedimento legal em caso semelhante.*

* A 25.^a Emenda permite hoje que o vice-presidente e a maioria do gabinete declarem o presidente incapaz e o liberem de seus poderes e responsabilidades, transferindo-os para o vice-presidente.

A Sra. Wilson estudava todas as mensagens enviadas pelos ministros ou senadores, e as condensava para o presidente. A princípio, ela tinha permissão para discutir negócios de Estado com ele, durante dez minutos por dia. Aos poucos, este período foi se expandindo. Até o fim da vida, a Sra. Wilson insistiu em que o único poder exercido por ela foi o de decidir quais assuntos eram importantes o suficiente para merecerem a atenção do presidente. «E tomar a decisão, ainda mais importante», acrescentava, «de *quando* lhe apresentar tais assuntos.» Como ela se definia, era basicamente uma extensão da mente do presidente.

«O pior eram as pessoas que me assediavam, dizendo que *tinham* de ver o presidente», escreveu mais tarde. Mas ela não descurou a ordem médica, que proibia terminantemente as visitas: «Woodrow Wilson era, em primeiro lugar, meu amado marido, cuja vida eu estava tentando salvar — e, depois disso, era o presidente dos Estados Unidos.»

A honra da nação. Logo o presidente começou a fazer «milhares de perguntas», disse Edith, e insistia particularmente em saber tudo sobre o tratado. No início de novembro, ela lhe permitiu ver o Senador Gilbert M. Hitchcock, líder das forças democratas de Wilson num senado dominado por republicanos. Wilson deixou claro que não faria nenhuma concessão aos adversários do tratado, os quais estavam pondo muitas «reservas», tentando bloquear a participação americana na Liga das Nações.

A 18 de novembro, o Senador Hitchcock voltou para outro encontro com o presidente. Edith Wilson o deteve à porta do quarto de Woodrow e perguntou-lhe: «O senhor não veio aqui com o fim de lhe propor concessões, veio?» Sombriamente, Hitchcock admitiu que, se o presidente não mudasse sua posição, não havia possibilidade de que conseguissem os dois terços necessários na votação. Um tratado com concessões, mas ratificado, não seria suficiente para dar ao presidente a paz que ela tanto lhe desejava?

Por um instante, Edith Wilson hesitou. Pediu ao Senador Hitchcock que esperasse, e entrou no quarto de seu marido. «Woodrow», perguntou, «por minha causa, você não aceitaria fazer algumas concessões para ter este tratado ratificado?»

«Garota, não me abandone», disse. «Não tenho o direito moral de aceitar qualquer mudança num documento que já assinei, sem dar a todos os outros signatários, até mesmo aos alemães, o direito de fazerem a mesma coisa. Não serei eu quem o aceitará; é a honra da nação que está em jogo. Prefiro um milhão de vezes morrer lutando que me submeter a um compromisso desonroso.»

A luta pelo tratado e pela Liga das Nações continuou acirrada. Finalmente, chegou o último dia de sessão no Congresso — 19 de março de 1920.

A intransigência de Wilson enfurecia seus adversários no Senado e, naquele dia, o tratado e o sonho pelo qual Edith e Woodrow Wilson tinham se sacrificado tanto sofreram sua derrota final e esmagadora.

Resumindo. Durante o último ano de seu mandato, Woodrow Wilson foi um presidente alquebrado — e Edith Wilson sua mais constante companhia e íntima conselheira. Depois que ele deixou a Casa Branca, ela continuou a dispensar-lhe a mesma devoção e cuidado, até sua morte em fevereiro de 1924 — e permaneceu devotada à sua memória, até morrer em 1961.

Alguns historiadores declararam que teria sido melhor para os Estados Unidos se Wilson tivesse morrido logo após o ataque. Outros discordam, acreditando que, sem a coragem moral da luta de Wilson pela paz mundial, os futuros presidentes teriam perdido a esperança de convocar o povo americano à procura do difícil objetivo.

E que dizer da valente mulher que ficou ao lado de seu alquebrado guerreiro durante a luta? Resumindo a personalidade de Edith Wilson, o Dr. Cary Grayson escreveu: «Um médico passa a conhecer bem a natureza humana, tanto nos enfermos quanto naqueles que lhes são próximos e caros. A força, a coragem e a constância de Edith Wilson foram as maiores que já conheci.»



O ESCRITOR Donald Barthelme conta que certa vez perguntou à sua filhinha, viciada em televisão, o que a sua mãe estava fazendo, e a garota respondeu: «Ela está assistindo a um livro.»

— J. L.